

## Considerações sobre o uso da linguagem cinematográfica no ensino de geografia

### Considerations about the use of cinematographic language in teaching geography

Rita de Cássia Kazikawa<sup>1</sup>

Giseli Dalla Nora<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo discute a importância da linguagem cinematográfica como recurso didático pedagógico no ensino-aprendizado de Geografia pelo viés de alunos e professores. Tem como objetivo refletir sobre a linguagem cinematográfica e o ensino de geografia, apresentando sugestões para a escolha e aplicação de filmes. No caminho metodológico baseou-se na pesquisa bibliográfica. Na contextualização fica em evidência a importância do uso de filmes como recurso didático pedagógico em sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar reflexivo, crítico e transformador do aluno. E como resultado se elaborou orientações básicas para a escolha e aplicação de filmes a fim de alcançar a melhoria do processo de ensino-aprendizagem em geografia.

**Palavras-chave:** Linguagem cinematográfica; Ensino; Geografia.

#### ABSTRACT

This article discusses the importance of cinematographic language as a didactic pedagogical resource in the teaching-learning of Geography through the bias of students and teachers. It aims to reflect on the cinematographic language and the teaching of geography by presenting suggestions for the choice and application of films. The methodological path was based on bibliographic research. In context, the importance of using films as a didactic pedagogical resource in the classroom is evident, contributing to the development of a reflective, critical and transforming look of the student. As a result, basic guidelines were developed for the choice and application of films in order to improve the teaching-learning process in geography.

**Keywords:** Cinematographic language; Teaching; Geography.

### 1- CAMINHOS INICIAIS

Assim como o espaço geográfico está em constante transformação, as informações também sofrem mudanças, principalmente pelo seu excesso e dinamização cada vez mais presentes na vida de todos, proporcionando uma intensa troca de

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: ritakazikawa25@msn.com.

<sup>2</sup> Professora Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: giseli.nora@gmail.com

informações que chegam a todo momento, especialmente através dos avanços tecnológicos, de maneira rápida e acessível. Muitas vezes chegam de forma fragmentada e sem o devido tratamento contribuem para um empobrecimento intelectual. Dentro da formação educacional, cabe à escola proporcionar espaços para o tratamento destas informações por meio do professor, que vêm utilizando as tecnologias na construção do conhecimento e algumas vezes sem um aprofundamento maior como é o caso do uso de filmes no ensino-aprendizado.

Uma das formas de ensinar a Geografia, estimulando a criatividade do aluno, instigando a crítica de maneira significativa e lúdica, é utilizar recursos audiovisuais, que são recursos que fazem parte do cotidiano e vivência dos alunos. Entre os recursos audiovisuais pode-se destacar documentários, programas televisivos, filmes, desenhos animados entre outros.

O cinema e a televisão surgiram em épocas de lutas políticas econômicas, sociais e culturais. Como recurso didático, vêm sendo motivos de estudos e críticas desde o início do século XX.

Atualmente os filmes estão cada vez mais presentes na vida de jovens e crianças. Em uma sociedade onde a mídia exerce grande influência na vida das pessoas, estas se tornam cada vez mais reféns da indústria midiática, passam grande parte do dia na frente da televisão ou computador como forma de lazer e entretenimento. Através das novas tecnologias, o acesso às informações chega cada vez mais rápido. Tornando, assim, interessante e indispensável o uso destas tecnologias a favor da educação.

É importante trazer este cotidiano para dentro da sala de aula. Eles servem como um elo entre a sociedade e suas problemáticas vivenciadas em qualquer parte do mundo, estimula o aluno a aprender e refletir de forma contextualizada e prazerosa, despertando o interesse e motivação para aprendizagem em Geografia, como em diversas disciplinas. O filme é um produto mercadológico carregado de perspectivas ideológicas a partir de quem o faz. Há espectadores que criticam ao enxergarem as mensagens implícitas, como há o espectador que aceita suas mensagens explícitas como única realidade. Portanto, é necessário desenvolver uma leitura de imagens, aprender a enxergar o que está implícito. A alfabetização cinematográfica possibilita ao aluno o desenvolvimento de um olhar mais crítico acerca da realidade midiática.

O processo de ensino-aprendizagem de Geografia requer, tanto dos educadores quanto dos educandos, a busca pelo conhecimento e explicações do espaço produzido pela humanidade através de estudos, análises, pesquisas, para reconhecer seu papel

neste espaço produzido, atuando e transformando à medida que entende que a produção espacial é fruto do trabalho dos homens durante o processo de construção da sociedade ao longo do tempo.

Cabe ao professor, um mediador na construção do saber, a tarefa de apropriar-se de diferentes linguagens como instrumento de comunicação, promovendo um tratamento das informações que chegam através da mídia. O cinema se torna uma importante ferramenta como recurso didático, sendo utilizado cada vez mais pelos professores nas aulas de Geografia.

Ao analisar a importância dos filmes como recurso didático no ensino da Geografia, por meio da linguagem cinematográfica, e levando em consideração que por trás do cinema há todo um universo mercadológico e ideológico, utilizou-se como referência uma concepção quantitativa ao realizar as pesquisas bibliográficas. Entretanto, a perspectiva apresentada não respondia aos anseios da pesquisa, que a partir da abordagem da pesquisa qualitativa enveredou para a pesquisa humanista.

A triangulação de métodos refere-se à comparação de dados coletados por abordagens quantitativas e qualitativas, ou seja, diz respeito a adotar métodos diversos para a análise de uma única questão ou objeto de estudo. Pode ser utilizada com a combinação alternada ou a utilização simultânea dos dois métodos para responder à questão de pesquisa. Portanto, as abordagens podem ser complementares e adequadas para minimizar a subjetividade e aproximar o pesquisador do objeto de estudo, respondendo às principais críticas das abordagens qualitativa e quantitativa respectivamente, proporcionando maior confiabilidade aos dados (TERENCE *et al.*, 2006. p. 215).

A partir do momento em que surge a relação dos filmes com os alunos, como forma de auxiliar o educando no desenvolvimento por meio das suas percepções, desenvolvem-se aspectos cognitivos, sensoriais, e relacionais com as experiências vivenciadas nos filmes com o cotidiano do aluno, através das percepções individuais adquiridas através da linguagem cinematográfica. Assim, concomitantemente utilizou-se como referencial uma abordagem humanista por valorizar o lugar, os sentimentos, através das experiências pessoais, estudando aspectos humanos.

## **2- A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NA DIDÁTICA**

A Geografia como ciência sofre mudanças de maneira rápida, promovendo avanços em estudos e pesquisas e, juntamente, como essas mutações constantes, as informações também se propagam dinamicamente.

Ao acompanhar as transformações na educação, como estudos, pesquisas e informações, é necessário que o professor esteja num processo de reaprendizagem constante, ou seja, aprendendo e reaprendendo ao buscar as atualizações que são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, que atualmente gira em torno do aluno.

A tarefa do novo professor de Geografia não é mais propalar informações através de discursos, tanto mais inflamados quanto menos ouvidos, mas produzir conhecimentos, ensinar o aluno a ver sua terra e o mundo com olhos interpretativos e críticos, não mais “ensinando” o aluno, mas ajudando-o a bem aprender, descobrindo significações, desenvolvendo competências e usando habilidades (SELBACH, 2010, p. 140).

Esta tarefa consiste em desenvolver novos métodos com o uso de diversos recursos que, utilizados com arcabouço teórico, possam contribuir para o bom desenvolvimento cognitivo do aluno, resultando em momentos de curiosidade, investigação, e assimilação do conteúdo trabalhado com o contexto social. Os recursos didático-pedagógicos possibilitam ferramentas que auxiliam o professor na mediação entre conhecimento de conteúdo e aluno, tornando-se indispensáveis na construção do conhecimento durante o processo de ensino-aprendizado. Para Souza (2007, p. 111), o recurso didático significa todo o material utilizado para ajudar no processo de ensino-aprendizado de um determinado conteúdo, manuseado pelo professor para seus alunos.

São diversos os recursos didáticos disponíveis como: mapas, estudo do meio, livros, quebra-cabeças, jogos, charges, maquetes, globo terrestre, flanelógrafo, quadro de giz, revistas, quadro magnético, textos, retroprojetor, internet, entre outros. Diante desta diversidade de recursos a serem utilizados pelo professor, é necessário um bom planejamento e escolha para atingir os objetivos propostos na disciplina.

Acompanhando a dinâmica das transformações do mundo em que vivemos, percebe-se que estamos envolvidos cada vez mais por imagens, sejam elas fotografias, outdoors, pintura de um quadro, imagens estampadas em jornais, revistas. As imagens podem estar associadas a movimentos com ou sem sons, como televisão, teatro, internet, desenhos, filmes que têm o poder de transmitir informações, mas acima de tudo ideologias.

De maneira significativa e lúdica, as imagens em movimento apresentam espaços e tempos diferentes, estimulam as percepções do concreto, os sentidos, as emoções, e contribuem para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Ao sensibilizá-lo

através das emoções desperta o senso crítico permitindo a compreensão e reflexão. Tuan (1980) considera a importância da percepção do mundo pelos sentidos, com destaque para o sentido da visão, a mais valiosa do homem para dar significado às informações.

Os meios audiovisuais são meios de imagens associadas a sons, músicas que levam à compreensão e interpretação das informações atreladas às percepções.

Os meios audiovisuais se caracterizam por um conjunto de técnicas visuais e auditivas que apoiam o processo de ensino-aprendizagem, visando uma maior compreensão e interpretação das ideias, estando a sua eficiência ligada à percepção por meio dos sentidos (GERBRAN, 2009, p. 144).

Segundo Setton (2004, p. 9-12), desde as décadas de 1920 e 1930, educadores já vinham discutindo projetos e reformas a respeito da Escola Nova, em relação à importância da didática do cinema, mas sem aplicação científica.

Nos anos 1940 surge a televisão. A partir dos anos 1950 cresce o interesse pelo cinema na introdução de práticas escolares, como uma das maneiras de auxílio na educação. Junto com este crescimento surgem vários estudos sobre a influência que o cinema exerce na vida de crianças e adolescentes, preocupações psicopedagógicas baseadas nos malefícios que poderiam causar aos jovens, como por exemplo induzi-los à imoralidade em um momento conturbado da política no Brasil, a ditadura militar.

Tanto o cinema como a TV constituíram-se em espaços de lutas sociais, culturais e políticas, objetos de disputas econômicas, veículos de inculcação ideológica e de projeções de utopias e sentimentos. Um filme, como experiência estética e cultural, pode ser visto sob diversos ângulos e chaves de leitura, dialogando, por exemplo, com os repertórios culturais e valores dos espectadores (NAPOLITANO, 2009, p. 10).

Vesentini (1999, p. 30) nos faz refletir sobre a necessidade de incorporar a realidade dos alunos, considerando os avanços tecnológicos nas estratégias de ensino.

Se os educandos são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino. Afinal, o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais (VESENTINI, 1999, p. 30).

Ao incorporarmos os avanços tecnológicos à educação é importante distinguir as diversas informações que chegam através destes avanços. Algumas chegam

fragmentadas, carregadas de perspectivas ideológicas que sem um tratamento adequado tornam-se objetos de manipulação ou imposições ideológicas.

### **3- CINEMA: DOMINAÇÃO IDEOLÓGICA X PRODUTO MERCADOLÓGICO**

O surgimento do cinema e sua evolução ocorre paralelamente à Revolução Industrial, num processo longo para se firmar na sociedade, com fundamental influência da burguesia dominante do século XIX nos países desenvolvidos, diante da grande necessidade de domínio econômico e cultural. O cinema, como arte de reprodução da realidade, oferece um campo rico em favor de uma dominação mascarada pela ilusão, ou seja, uma interpretação verdadeiramente fiel à realidade, ocultando as reais intenções.

Eliminando a pessoa que fala, ou faz cinema, ou melhor, eliminando a classe social ou a parte dessa classe social que produz essa fala ou esse cinema, elimina-se também a possibilidade de dizer que essa fala ou esse cinema representa um ponto de vista (BERNARDET, 1995, p. 130).

Contemporaneamente nos deparamos com filmes detentores de uma variedade enorme de técnicas e aperfeiçoamentos de alta resolução, efeitos especiais, com segunda, terceira e até quarta dimensão, que com auxílio de instrumentos possibilitam a sensação de estar dentro do filme, tudo para aproximar ainda mais da realidade.

E quanto mais próximo da realidade, torna-se mais difícil enxergar o que está implícito no filme. A velocidade com que se passa as imagens dificulta uma apreciação mais profunda das interpretações, a percepção e, junto com a alienação do espectador, contribui para a aceitação da realidade imposta como verdadeira, possibilitando assim um instrumento ideológico.

As percepções do espectador possibilitam a construção de ideias, correlacionando com vivências interiores como memórias, sentimentos, sensações, espaços vividos, elementos administrados pela consciência do espectador – dependendo de seus aspectos culturais, cada um terá uma interpretação individual do mundo.

[...] Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980, p. 4).



No âmbito da dominação ideológica, estas percepções tornam-se ignoradas. As grandes empresas, corporações e o próprio governo têm papel importante nesta dominação, pois, através de financiamentos contribuem para impor uma ideologia camuflada como verdadeira, deixando de ser somente as ideias e perspectivas do autor e diretor do filme, que para produzirem precisam de recursos financeiros dos patrocinadores, estes dão o aval final para a produção com suas ideologias e seus merchandises.

Podemos citar ainda, segundo Bernardet (1995), o estrelismo de certos atores, diretores que atraem o público e o espectador leigo pelo ator famoso. Não importa se o filme é bom ou ruim, ele irá assistir pelo ator e sua belíssima atuação, que recebe salários milionários para trabalhar no filme. Portanto, estrelismo, alta tecnologia em efeitos especiais, são alguns dos atrativos destas grandiosas superproduções.

A verdadeira realidade se esconde atrás do mocinho, do herói, do modelo de sociedade imposto por um padrão característico dos países desenvolvidos, no qual o cinema hollywoodiano predomina na indústria cinematográfica, com a produção de filmes como produtos mercadológicos.

Nesta indústria o lucro é obtido através da compra de ingressos. Portanto, para que o espectador compre estes ingressos, é preciso motivá-lo, atraí-lo com o estrelismo, a alta tecnologia em efeitos especiais, entre outros recursos, que através das propagandas são divulgados para atingir a diversos públicos a nível nacional e internacional.

De acordo com Bernardet (1995), para atingir as grandes massas, é preciso produzir um filme que agrade a todos, tornando-se necessária uma homogeneização do produto. Esta homogeneização não leva em consideração as percepções do público. Assim, as diferenças políticas, religiosas, comportamentais, são camufladas para se chegar à homogeneização. Deste modo, atingindo as massas é possível alcançar o lucro garantido.

[...] O cinema entra na sua vida como um dos elementos que compõem a sua relação com o mundo, o cinema não determina completamente essa relação. Há formas de relação que não usam necessariamente a linguagem racional e crítica dos cientistas. No ato de ver e assimilar um filme, o público transforma-o, interpreta-o, em função de suas vivências, inquietações, aspirações, etc. (BERNARDET, 1995, p. 160).

O papel do professor torna-se fundamental, desde que o sistema educacional e a escola assumam juntos a responsabilidade, dando o suporte necessário ao professor, como autonomia e estrutura física na utilização de filmes, para o tratamento das informações adquiridas, com o intuito de ajudar o aluno a desenvolver esta relação das problemáticas da sociedade com o filme, juntamente com as percepções individuais de cada aluno para enxergar a verdadeira realidade embutida nos filmes.

Para Tuan (1980), o envolvimento de percepção, valor e visão de mundo é fundamental para o entendimento da formação de atitudes e valores. Atitudes e valores contribuem para que o aluno reflita sobre a correlação entre o filme, conteúdo, cotidiano e problemas a fim de buscar soluções e transformações.

#### **4- LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA**

Atualmente os filmes fazem parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos, contribuem para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Como forma de entretenimento, proporcionam prazer, estimulam a imaginação, saciam em um primeiro momento as necessidades emocionais. O cinema é a arte de criar e reproduzir imagens associadas a sons e movimentos que dão a impressão de realidade. Trazem à tona problemáticas vivenciadas pela sociedade, assuntos que podem ser relacionados ao cotidiano, são considerados como obras cinematográficas que envolvem uma série de elementos.

Tudo isso constitui um complexo ritual a que chamamos de cinema e que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidoras que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela (BERNARDET, 1995, p. 124).

Este produto da indústria cinematográfica torna-se uma produção cultural, sendo formado por múltiplas linguagens. Como afirma Pontuschka (2007, p. 265), que pode ser analisado por várias maneiras do ponto de vista artístico, de fotografias ou educacional, aparecendo questões cognitivas e afetivas e de grande importância para a formação do intelecto das pessoas. Napolitano (2009, p. 10) considera que, visualmente e culturalmente, o filme pode ser visto sob diversos ângulos, apontando para várias interpretações de acordo com a bagagem de cultura e valores de cada espectador. Pode



proporcionar um diálogo entre o espectador com o filme, através das informações que se encontram implícitas e explícitas, fruto das percepções de quem o produz, e que carregam consigo perspectivas ideológicas.

A linguagem cinematográfica pode ser apropriada como um instrumento de comunicação, promovendo um processo de tratamento das informações através de decodificação e análises de dados e mensagens.

As informações que absorvemos dos filmes só se transformam em conhecimento quando passam por um processo de contextualização, correlação, dando significado às informações. Cabe ao professor ajudar o aluno a desenvolver este processo proporcionado pela linguagem cinematográfica, estimulando o aluno a pensar, analisar, investigar, para o desenvolvimento de sua criticidade.

A linguagem do cinema vem sendo cada vez mais utilizada nas aulas de Geografia. Enquanto alguns professores empregam adequadamente essa linguagem, outros ainda têm dificuldade de usá-la como recurso didático sem descaracterizar ou esquecer a arte cinematográfica (PONTUSCHKA, 2007, p. 265).

Apesar de encontrarmos na realidade dentro das salas de aula o uso superficial dos filmes, que nem sempre é acompanhado de um debate, é possível repensar sua utilização, uma vez que possui grande potencial de enriquecimento no ensino-aprendizagem.

## **5- A REALIDADE DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NA SALA DE AULA**

Percebe-se através de observações, tanto em escolas da rede pública como da rede privada, a falta de aprofundamento na utilização de filmes como recurso didático pedagógico. Muitas vezes o filme é utilizado apenas como uma constatação daquilo que foi explicado em sala de aula, sem um aprofundamento do tema ou acompanhado de estudos e atividades complementares. São utilizados também como reposição da falta de professores, para preencher o tempo vago ou a falta de conteúdo. Muitas vezes, isso ocorre no fim de um bimestre, quando os conteúdos planejados já foram dados antes dos terminos das aulas. Estes filmes são exibidos sem escolha ou planejamento, de forma aleatória, sem discussões ou qualquer outra atividade.

Não deve ser somente para cobrir a falta de assunto ou para suprir a ausência de docentes em sala de aula, como fazem algumas escolas. Com a carência de docentes, escolas pertencentes a governos, pouco empenhados em contratá-los, colocam o videocassete ou o aparelho de

DVD para funcionar. Não é o filme um substituto de professores e nem o seu uso pode ser aleatório. É algo importante como um recurso para a aprendizagem e, por isto, deve-se sempre refletir sobre a sua utilização (CAMPOS, 2006, p. 1-2).

O filme deve ser utilizado com o objetivo de provocar uma situação de aprendizagem, instigando o aluno à curiosidade, investigação e pesquisa, à reflexão e criticidade. Para isso, é importante o preparo do professor que é um mediador neste processo de ensino-aprendizagem. A falta de uma alfabetização de imagens ou um aprofundamento maior dos estudos acerca da linguagem cinematográfica resultam em uma deficiência quanto ao seu uso, deturpam a imagem da importância deste recurso didático na sala de aula, tornando-o alvo de preconceitos por parte da comunidade escolar.

Apesar de toda aceitação da importância do cinema para o conhecimento escolar, algumas visões deformadas ainda persistem. Ao incorporar filmes em suas aulas, o professor pode enfrentar preconceitos, não apenas por parte dos seus alunos, mas também dos seus colegas. Clichês do tipo “Oba, hoje não tem aula, tem fil-minho!” ou “Quando eu não quero dar aula, eu passo um filme” são reflexos da inadequação e do mau uso do cinema na escola (NAPOLITANO, 2009, p. 23).

Pontuschka (2007, p. 282) afirma que é necessário a utilização de filmes no currículo das escolas superiores, preparando os futuros professores, assim como nas escolas de ensino fundamental e médio que precisam desenvolver o senso crítico, conseguir ler as imagens, o que está explícito e implícito.

Com um preparo maior é possível um estudo mais aprofundado para se analisar um filme, relacionando-o com questões e realidades vivenciadas, de forma a ressaltar a importância do uso da linguagem cinematográfica dentro da sala de aula como um recurso didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem de Geografia.

É preciso repensar em novos métodos de práticas docentes, levando em consideração os problemas do sistema educacional, no qual se discute muito melhores condições de trabalho, salários, estrutura física, estudo, indisciplina de alunos e falta de recursos materiais.

Segundo Callai (2005, p. 231), para romper com a prática tradicional é preciso que haja concepções teórico-metodológicas para ir além do próprio saber, relacioná-las com o mundo da vida e suas constantes transformações. O professor precisa estar preparado para contextualizar os seus saberes, dos alunos e de todo mundo à sua volta,

trazendo para dentro da escola o cotidiano e a vivência do aluno. E a partir da utilização do lugar de vivência, que o aluno possa questionar, ser instigado a respeito das relações deste lugar, dos problemas da sociedade, levantar hipóteses, buscar soluções visando à transformação da sociedade.

Percebe-se também a falta de associar a problemática com a realidade do aluno. Trazer esta realidade para o cotidiano contribui para a construção de conhecimento, fazendo com que o aluno compreenda esta construção. Cavalcanti (2003 apud PIRES, 2012, p. 4) afirma que:

[...] as razões principais para não se gostar de Geografia podem ser analisadas a partir de dois pontos. Em primeiro lugar, há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola. Em segundo, percebem-se dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados. Esses dois pontos, embora estejam intimamente ligados ao ensino de Geografia, não focalizam propriamente o conteúdo da matéria ou o conhecimento geográfico, enquanto tal. Ou seja, parece-me que, “resolvidos” esses dois pontos, é possível tornar o conteúdo geográfico trabalhado na escola mais significativa para o aluno (CAVALCANTI, 2003 *apud* PIRES, 2012, p. 4).

A vivência na sala de aula tem que ser refletida no mundo à sua volta; para falar de conhecimento é preciso falar sobre a realidade. O cotidiano escolar impõe limites para o professor, ele sabe da importância do seu papel na transformação da vida dos alunos, mas muitas vezes a busca por inovações é bloqueada pelo dia a dia da escola.

É preciso superar estes limites, atrair a atenção do aluno aguçando sua curiosidade, levá-lo à investigação sobre questões envolvendo seu próprio cotidiano, motivando-os com técnicas inovadoras, com o uso de recursos didáticos embasados teoricamente, tornando as aulas mais dinâmicas.

## **6- APRENDIZAGEM POR MEIO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA**

Os filmes proporcionam um campo rico de investigações e pesquisas, principalmente em estudos do espaço geográfico, relacionando temas discutidos em escala global para uma escala local, ao correlacioná-los com a vivência, o cotidiano do aluno.

As imagens sonorizadas do cinema também podem lidar com espaços e tempos diferentes. Mesmo os filmes comerciais podem trazer elementos para a reflexão pedagógica, permitindo ao professor – em nosso caso de Geografia – realizar uma análise crítica do filme como

arte e como linguagem rica de conteúdos que, embora sejam ficcionais, podem ter-se espelhado em fatos reais ou na vasta literatura disponível (PONTUSCHKA, 2007, p. 281).

A aprendizagem através de filmes torna-se eficiente quando há uma escolha criteriosa e planejamento adequado na sua utilização, como ferramenta de auxílio nas reflexões do conteúdo a ser ensinado em sala de aula.

O valor dos recursos didáticos está condicionado à forma como eles são utilizados. Ao utilizarmos o filme cinematográfico como recurso didático no ensino de geografia, necessitamos pautar nossa escolha nas possibilidades de reflexão sobre os conteúdos de ensino que serão ampliadas a partir desse recurso (REGO; CASTROGIOVANNI; KAERCHER, 2011, p. 54).

O filme leva o aluno a vivenciar de perto realidades distantes, desperta suas percepções, aflorando sentimentos, sensações que satisfazem num primeiro momento, criando uma realidade imaginária espelhada num mundo real.

Mesmo que o filme seja ficcional e não tenha compromisso algum com a “realidade objetiva”, naquelas horas em que ele é projetado, as emoções e sensações que a experiência do cinema suscita nos espectadores criam um “efeito de realidade” muito forte (NAPOLITANO, 2009, p. 11).

Este efeito de realidade que o filme proporciona pode levar o espectador a refletir sobre aquilo que está sendo apresentado como real, ao lidar com sua própria realidade. Pode levá-lo a sonhar, como uma forma de esquecer os problemas reais por alguns momentos. Contribui para a compreensão do espaço, onde o aluno pode observar os movimentos de forma dinâmica, associando o saber geográfico, seus conceitos, ao encontro de outras realidades, diferentes culturas, paisagens. Eles servem como uma forma de ligação entre a sociedade e suas problemáticas vivenciadas; através do filme é possível relacioná-las em diferentes escalas e tempos, podendo correlacioná-las em qualquer parte do mundo. Estimula a refletir de forma contextualizada e prazerosa, desperta o interesse, uma motivação enriquecendo o ensino-aprendizagem em Geografia.

[...] o filme pode ser transformado num importante aliado da educação geográfica se desenvolvido num trabalho cuidadoso de orientação do olhar do aluno, sem, entretanto, interferir na capacidade prático sensorial do aluno no desenvolvimento do trabalho (RODRIGUES; SANTANA; ERTHAL, 2012 p. 8).

Atualmente o cinema nacional vêm se expandindo, através dele muitas paisagens, aspectos físicos, econômicos e sociais se apresentam. Embora sejam filmes de ficções, eles surgem de realidades próximas de nossos alunos. O filme não pode ser apresentado como uma realidade absoluta para conhecer nossa Geografia e seus conceitos.

O filme por si só não é suficiente para conhecer a Geografia do Brasil e seus conceitos fundadores, mas é por meio da linguagem do cinema que se pode motivar alunos e professores a aprofundar e ampliar, com o auxílio de outras linguagens, o conhecimento geográfico do País: a linguagem do texto, a linguagem da cartografia, a linguagem do desenho (PONTUSCHKA, 2007, p. 272).

Ao abordar os caminhos necessários para uma forma mais aprofundada de se utilizar os filmes para que levem ao questionamento, à reconstrução, à criticidade, Barbosa (1999) apresenta alguns autores que tratam a utilização de três filtros para a leitura das cenas cinematográficas sob um olhar geográfico. É preciso filtrar alguns pontos como: a veracidade das paisagens apresentadas nos filmes, que muitas vezes não são autênticas por serem rodadas em estúdios ou filmadas em ambientes com características parecidas; a visão etnocêntrica onde se reproduzem sociedades ou figurantes que se apresentam por meio de leituras preconceituosas, sendo consideradas fora do padrão civilizado de sociedade ocidental, e as perspectivas ideológicas que o autor e produtor do filme trazem. Todo filme traz uma linguagem da realidade de quem faz, carregada de intenção ou vontade de um efeito.

Ao utilizar o filme como recurso didático é importante aprofundar estes caminhos que levam ao desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva da realidade, aguçando a percepção e autonomia do aluno.

Nem todos os filmes possuem fins didáticos, por isso é importante ressaltar o filme apenas como um recurso geralmente associado à introdução de uma aula, despertando a curiosidade dos alunos; complemento, ou para finalizar um tema abordado, a fim de gerar debates.

## **7- SUGESTÕES PARA A ESCOLHA E UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA**

A indústria cinematográfica oferece hoje uma variedade enorme de filmes, o que exige uma escolha fundamentada nas várias possibilidades de reflexão que eles podem oferecer. Ao realizar e analisar as pesquisas bibliográficas, percebe-se que a escolha e aplicação de filmes em sala de aula necessita de um bom planejamento e escolha criteriosa para garantir a eficiência de sua utilização.

Ao selecionar o conteúdo a ser abordado é preciso estar atento às escolhas de filmes, pensando também na eficiência deste recurso. Buscou-se apresentar aqui alguns critérios básicos de escolha como:

**CATEGORIA** – Dentre as categorias de filmes, o mercado cinematográfico oferece aventura, romance, terror, filmes épicos, filmes fictícios, filmes baseados em história verídica, baseados em obras literárias. Esta escolha depende de como o filme pode proporcionar várias formas de reflexão;

**CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA** – É imprescindível estar atento a que público se destina o filme, classificação livre para todas as idades, acima de 10 anos, acima de 12 anos, 16 anos;

**ORIGEM DA PRODUÇÃO** – A origem da produção exerce forte influência durante a abordagem do conteúdo. Os filmes trazem uma perspectiva ideológica de seu país de origem. O mercado cinematográfico traz, além do predomínio de produções americanas, francesas, italianas, indianas, japonesas, com um crescimento significativo de produções nacionais (BERNARDET, 1995);

**SELEÇÃO DE FILMES** – Para a seleção de filmes, o professor pode optar por escolher juntamente com o aluno, desde que o filme esteja de acordo com o item a ser abordado;

**DURAÇÃO E TEMPO ESTIMADO** – É preciso estar atento quanto à duração do filme para um bom planejamento das aulas. O filme pode ser de longa metragem com duração de 60, 120 minutos aproximadamente, ou um curta metragem com duração de 10 a 15 minutos.

#### APLICAÇÃO DE FILMES

- Introdução: o filme pode ser utilizado como introdução a um tema aguçando a curiosidade do aluno;
- Complemento e fechamento: pode ser trabalhado como complemento, podendo ser abordado num projeto com duração de dias, semanas ou até mesmo um bimestre, e como fechamento de conteúdo;



- Projetos interdisciplinares: é possível trabalhar um filme em conjunto com professores de outras áreas como Biologia, Sociologia, História, Física, entre outros, promovendo assim a inter-relação das disciplinas a partir de um mesmo tema;

EXIBIÇÃO DO FILME – Cabe ao professor escolher a melhor forma possível de exibí-lo, o que irá depender do perfil da turma. O professor poderá exibir de maneira corrida, sem interrupções, poderá editá-lo com cortes. Dependendo do tempo de duração, deverá ser exibido por partes durante a aula, lembrando que é possível fazer uma recapitulação mostrando as cenas mais relevantes.

O filme é considerado um recurso a ser utilizado em sala de aula. Contudo, a aula jamais deverá depender exclusivamente do filme. É necessário aplicá-lo juntamente com textos complementares, atividades, discussões, debates, palestras criando contextos e revelando as diversas possibilidades de leitura do mundo.

## **8- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os filmes (como recurso didático pedagógico) constituem uma porta aberta para um conjunto formado por inter-relações que envolvem imaginação, percepção, o conhecimento de outras culturas, diversas paisagens, para a correlação com problemáticas vivenciadas na sociedade, possíveis soluções, ludicidade, desenvolvimento afetivo, cognitivo, criticidade, reflexão, transformação em diferentes escalas. É notório a presença da Geografia nos filmes que tornam a relação intrínseca e ao mesmo tempo distante quanto ao seu uso.

Este trabalho surge como ponto de partida para aprofundar mais sobre este assunto pouco discutido, além de contribuir para diminuição da imagem que os filmes formaram perante a comunidade escolar devido à sua má utilização, colocando em pauta a importância da inserção de filmes nos currículos de cursos de formação do professor e em projetos escolares, como criação de cineclubes nas escolas públicas e privadas, grupos de estudos a partir de filmes, projetos interdisciplinares envolvendo professores de outras áreas do conhecimento.

É preciso enaltecer a riqueza deste recurso no ensino geográfico, construindo um ensino-aprendizagem com qualidade, para o desenvolvimento de hipóteses, pesquisas, correlações, reflexões, críticas e transformações.

## **9- REFERÊNCIAS**

BARBOSA, M. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Intercom Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 20, n. 7, jul./dez. 1999.

BERNARDET, J. C. **O que é cinema**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. **Lei nº 13.006, 26 de junho de 2014**. Acrescenta 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27834-27841.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Campinas**, v. 25, n. 66, 2005.

CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

CHRISTOFOLETTI, R. Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem ou recreação? **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 34, n. 3, set./dez. 2009, p. 603-616. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/871>. Acesso em: 25 de nov. de 2020

CUIABÁ. Secretaria Municipal da Educação. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual Prof.<sup>a</sup> Hermelinda Figueiredo, 2009.

DE CAMPOS, Rui Ribeiro. Cinema, geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 4, n. 1, p. 01-22, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Não há docência sem discência. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, José Cerchi. A linguagem do cinema no currículo do Ensino Médio: um recurso para o professor. **Caderno de Cinema do Professor**: dois. São Paulo: FDE, 2009. p. 32-45.

GERBRAN, M. P. **Tecnologias Educacionais**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

INTERFILMES. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/269/154>. Acesso em: 25 de out. de 2020.

MELLO, M. C. O. Uma aproximação à Didática do Ensino de Geografia. Conteúdos e Didática de Geografia, **Objetivos Educacionais UNESP**, 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47174>. Acesso em: 19 de out. de 2020.

NAPOLITANO, M. **Cinema**: experiência cultural e escolar. Caderno de cinema do professor. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009.

KAZIKAWA, R de C.; DALLA NORA, G. Considerações sobre o uso da linguagem cinematográfica no ensino de geografia

PIRES, L. Ensino de Geografia: Cotidiano, práticas e saberes. In: ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., 2012, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2012.

PONTUSCHKA, N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A.; KAERCHER, C. **Geografia**. Práticas Pedagógicas para o ensino médio. São Paulo: Ed. Penso, 2011.

RODRIGUES, R. C. A.; SANTANA, F. T. M.; ERTHAL, L. C. **Aprendendo com filmes**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2012.

SELBACH, S. **Geografia e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SETTON, M. da G. J. Cinema: instrumento reflexivo e pedagógico. In: SETTON, M da G. J. **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004. p. 67-79.

SOUZA, S. Eduardo; GODOY DALCOLLE, G. A.V. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. **Arq Mudi**. Maringá, PR, v. 11, n. Supl 2, p. 110-114p, 2007.

TERENCE, A. C. F. et all. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção - ENEGEP, 26., 2006, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ENEGEP, 2006.

TOZZI, D. et al. **Caderno de cinema do professor**: dois. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VESENTINI, J. M. **Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil**. O Ensino da Geografia do século XXI. Campinas: Ed. Papyrus, 1999.